

# Deborah Brennand – Anjo da noite

E sendo o ser todo ser  
eu, vetusta ou jovem lusa,  
dei o meu olhar de claridade  
à vastidão única das brumas  
e só no coração uma saudade  
era de havidos campos,  
campos quase não vistos,  
ó enamorado de minha formosura.

Sombria ou ruiva foi a cabeleira  
o pouso da coroa em garras.  
Abutre no alvor da minha fronte  
cravando unhas de diamantes  
assim em disse que as mulheres  
não deviam usar trajés escarlates.  
Talvez dez dias e oito noites passassem  
nas distantes florestas de Lorvão.

E o meu reino era cinzento em culpas,  
o meu legado agouro e mal.  
Ó enamorado da minha póstuma formosura,  
por que de mim tão pouco sabes?

**Deborah Brennand, Poesia reunida**